

(IN)TOLERÂNCIA RELIGIOSA NOS <i>MEDIUM</i>: MEMÓRIA E ACONTECIMENTO.

Rahíssa de Azevedo Gomes^{1*}, Edvania Gomes da Silva²

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS-UESB)
2. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do PPGMLS e em Linguística-UESB - Departamento de Linguística/Orientadora

Resumo

Este trabalho, que relaciona conceitos da Escola Francesa de Análise do Discurso e discussões empreendidas no âmbito dos Direitos Humanos, tem como objetivo analisar os discursos materializados nos textos midiáticos vinculados à temática da (in)tolerância religiosa e também às memórias relacionadas a esses discursos. Assim, almejamos indicar como funciona, no campo midiático, a articulação entre memória e atualidade em relação aos discursos de (in)tolerância religiosa.

Para tanto, recorreremos aos principais conceitos de Michel Pêcheux, principalmente à noção de discurso e à relação entre memória e acontecimento. As conceituações teóricas e metodológicas deste ajudam a identificar as posições de sujeito e os deslizamentos de sentido dos discursos materializados nos meios jornalísticos de difusão da informação. A metodologia utilizada é de caráter bibliográfico exploratório e documental, através de sistematizações das obras de Pêcheux, bem como de análises referentes aos textos midiáticos.

Palavras-chave: efeitos de sentido; campo religioso; campo midiático.

Apoio financeiro: O presente trabalho foi realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados da análise do funcionamento de textos que versam sobre a (in)tolerância religiosa e que foram discursivizados na/pela mídia escrita brasileira. Os dados analisados foram encontrados nos seguintes meios de comunicação: jornais e revistas de grande circulação e meios populares de divulgação da notícia. Para tanto, partimos da hipótese de que os discursos sobre intolerância religiosa estão, principalmente na atualidade, circulando com maior intensidade, pois vários acontecimentos recentes têm promovido, cada dia mais, a emergência e a circulação de tais discursos, os quais podem ser estudados na perspectiva da sociologia, da filosofia e também da psicologia. Em relação especificamente à abordagem adotada neste trabalho, qual seja, a dos estudos da memória no âmbito da Escola Francesa de Análise de Discurso, tivemos o objetivo de analisar de que maneira o jogo que constitui o acontecimento discursivo se materializa nos *medium*.

Com base nos dados, verificamos a incidência de diferentes efeitos de sentido no que se refere a práticas de (in)tolerância religiosa. Nas análises, mobilizamos, principalmente, os conceitos operacionais de *acontecimento* e de *memória discursiva*. Esta definida como “um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização [...]” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 56), e não no sentido psicologista da “memória individual”. Enquanto que o acontecimento constitui-se por meio de uma “dupla forma-limite”, qual seja, o acontecimento que “escapa à inscrição, que não chega a se inscrever” e aquele que é “absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 50).

A análise é feita com dados do campo midiático, por meio do estudo das práticas discursivas que versam, em alguma medida, sobre a questão da (in)tolerância religiosa. Assim, buscamos verificar a relação entre memória, atualidade e acontecimento, bem como identificar quais memórias, posições de sujeito e efeitos de sentido (discursos) encontram-se materializados em textos midiáticos que tematizam a (in)tolerância religiosa. Nesse sentido, constituíram objetivos específicos do presente trabalho: i) analisar o funcionamento da memória na relação com a atualidade no que diz respeito à (in)tolerância religiosa na mídia; e ii) verificar quais discursos relacionados à espetacularização da religião e da fé encontram-se materializados nos textos midiáticos analisados.

Metodologia

A metodologia utilizada é de caráter bibliográfico, exploratório e documental, a partir de leituras, sistematizações e análises referentes aos meios midiáticos, à luz dos conceitos pecheutianos. A perspectiva teórica do presente trabalho centra-se na Análise de Discurso Francesa, de Michel Pêcheux e ao anunciado por este autor, especialmente em *O Papel da Memória* (2007 [1983]) e em *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (2006 [1983]).

No desenvolvimento da pesquisa que resultou neste trabalho, mobilizamos, como dito, conceitos operacionais do campo teórico da Análise de Discurso de linha Francesa (AD), bem como conceitos que ajudam a explicar o funcionamento dos campos midiático e religioso. Em relação à AD, Orlandi (1990) defende que a

referida disciplina tem como objetivo fazer compreender “como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos”, pois, ainda segundo a referida autora, “essa compreensão implica em explicar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura” (ORLANDI, 1999, p. 26-27).

Além dessa revisão bibliográfica, o trabalho analisa como *corpus* documental a discursividade midiática materializada nos meios de comunicação e de divulgação das notícias. Desses, fez-se uma catalogação com a seleção de manchetes, de 2018 até 2019, que tematizam supostos casos de (in)tolerância religiosa. Nessa perspectiva, selecionamos e catalogamos notícias e reportagens que recorriam, em algum momento, às expressões “ataque à religião” e “caso de intolerância religiosa”. Dessa maneira, tem-se o objetivo de analisar como a “(in)tolerância religiosa” é discursivizada nos *media*, verificando, ainda, a relação entre memória e a atualidade na construção do acontecimento que se constitui na emergência de tais casos de (in)tolerância na sociedade. Para esse último propósito, consideraremos, nas análises, as condições de produção da atual conjuntura política e suas implicações jurídicas, as quais determinam o que pode ou não ser enunciado acerca do tema da (in)tolerância.

Resultados e Discussão

A partir da observação das materialidades midiáticas que tematizam a (in)tolerância religiosa, foi possível verificar a ação da memória discursiva, de acordo com a concepção pecheuxiana. Tal memória materializa-se na relação entre o meio social e a emergência (ou retomada) desses discursos de intolerância. Assim, pudemos constatar que existem discursos que estão relacionados a acontecimentos da contemporaneidade e que se materializam nas notícias acerca das práticas de (in)tolerância religiosa.

Os excertos analisados fazem parte de um recorte analítico para o qual recorreremos, como dito, aos fundamentos teóricos da Análise de Discurso (AD), disciplina que contribuiu para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente, pela relação que faz entre memória, atualidade e acontecimento, mediante a observação do que produz sentido sob determinadas condições de produção.

Destarte, este trabalho surge da verificação de que os casos de (in)tolerância religiosa são recorrentemente discursivizados nos meios midiáticos por meio de uma apresentação dos termos que remetem à depredação, à destruição e ao alvejamento de determinados centros religiosos, o que aponta para a existência de uma memória discursiva. Com isso, verificamos a relação entre as memórias dos discursos religioso e midiático. Tais memórias se estabelecem na medida em que se espetacularizam a fé, a religião, os seus modos de culto, bem como a própria (in)tolerância religiosa existente no Brasil.

Nesse sentido, procedemos à coleta de dados e à posterior análise, que consistiu na identificação dos discursos que emergem nos veículos midiáticos acerca da intolerância religiosa. Como resultado, constatamos que os referidos veículos apresentam os casos de intolerância religiosa como sendo espetáculos, além, de assumirem um tom denunciatório. Foi possível identificar termos e excertos que indicam: i) a existência da necessidade de se punir (ou tentar punir) práticas de intolerância, por meio de leis que busquem impedir a emergência de tais práticas; e ii) a materialização de um pré-construído segundo o qual existem tentativas de privação de direitos por motivo de crença religiosa.

Nas notícias analisadas entre o período de 2018 até o final de 2019, notou-se uma regularidade linguística nas manchetes, visto que alguns termos que remetem a “alvo” prevaleceram nos enunciados, como, pode-se observar, por exemplo, em: “Centro Judeu é **alvo** de tentativa de incêndio e pichações por palestinos no RS”, “Terreiro Oxumaré em Salvador é **alvo** de intolerância religiosa”; tais termos relacionam-se à uma memória militarista, de guerra, e apresentam os centros religiosos como algo sem reação, inerte, incapaz de reagir. Além desse efeito, também houve recorrência de termos que remetem à depredação e destruição, conforme descrito em algumas manchetes, como, “Terreiro de candomblé é **depredado** em Nova Iguaçu e religiosos são expulsos”, “Polícia identifica traficantes suspeitos De **destruir** terreiro de candomblé em Caxias” e “Terreiro de candomblé é invadido e **destruído** em Duque de Caxias”; esse sentido de depredação relaciona-se a um discurso capitalista, segundo o qual existem bens a serem preservados. Nestes excertos, verifica-se que há a materialização de efeitos de sentido sobre a (in)tolerância religiosa, pois há uma descrição de atos socialmente condenáveis que ocorrem na atualidade e que abarcam uma memória discursiva de controle. Tal análise remete-nos à definição de acontecimento histórico, qual seja, “um elemento histórico descontínuo e exterior” apresenta-se como “suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória” (PÊCHEUX, 2007 [1983], p. 49-50).

Este olhar acerca da regularidade também recai sobre a narrativa das notícias, posto que há um deslizamento de sentido em relação ao objeto personificado no/pelo texto, pois, em grande parte dos textos analisados (cerca de 40%), não há indicação de nenhum indivíduo que tenha sido prejudicado pela “destruição” do ambiente/centro religioso, mas o próprio centro é apresentado como sujeito que sofreu o “ataque” e que, portanto, deve “responder” ao mesmo. É o que vemos, por exemplo, no enunciado: “o terreiro diz está resolvendo a situação”. Ou seja, são atribuídas atitudes aos centros religiosos, ao invés de a seus representantes. Há, portanto, deslocamentos, os quais indicam que, como defende Pêcheux, “[...], só por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço” (PÊCHEUX, 2006 [1983], p. 56). Nesse caso, o deslocamento do sujeito agente, que deixa de ser vinculado a um indivíduo e passa a ser relacionado ao local no qual ocorre a prática religiosa (o terreiro), funciona como uma forma de valorizar a

face positiva do enunciador (BROWN & LEVINSON, 1987 *apud*. MAINGUENEAU, 2004 [1998], p. 38) - neste caso, o jornal que veicula a notícia -, pois produz o efeito de que não há, no que está sendo enunciado, qualquer tipo de menção a pessoas, o que reforça o efeito de objetividade pretendido nos/pelos textos do campo jornalístico.

Por fim, constatamos que, nos dados analisados, não aparece, na maior parte das vezes, o termo “ódio” ligado aos casos de intolerância. Ou seja, os atos de intolerância não são explicados pelos veículos de comunicação aqui analisados como relacionados a uma espécie de ódio pelo outro ou pela religião deste outro. Contudo, podemos supor, ainda com base em Pêcheux (2007 [1999]), que o ódio não se materializa na palavra em si, mas sim em outras questões, relacionadas, principalmente, à memória discursiva, a qual funciona como “aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível [...]” (PÊCHEUX, 2007 [1999], p. 52). É, portanto, a memória discursiva que permite interpretar a expressão “ser alvo de” e verbos como “depredar” e “destruir” como estando vinculados a atitudes de ódio, o que, também devido a um deslizamento de sentido, relaciona-se à intolerância religiosa.

Conclusões

As análises indicam que os textos midiáticos materializam discursos acerca da (in)tolerância religiosa. Tais discursos indicam que há no Brasil práticas que podem ser consideradas intolerantes no que diz respeito à liberdade religiosa e de crença e que cabe a justiça tentar controlar a emergência de tais práticas, conforme visto nas notícias analisadas para este trabalho.

Em síntese, os textos midiáticos materializam um discurso de preservação da liberdade religiosa, o qual remete às noções jurídicas de garantia de princípios fundamentais de terceira geração, dentre os quais figura a liberdade de crença, bem como à obrigatoriedade de se respeitar os dogmas das diferentes religiões.

Referências bibliográficas

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2007 [1999].

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004 [1998].

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: Estrutura ou Acontecimento. Campinas: Pontes, 2006 [1983].

PÊCHEUX, M. O Papel da Memória. In: _____. **O Papel da Memória**. Campinas/SP: Pontes, 2007 [1983]. p. 49-56.